

**ORDEM, PROGRESSO E ALFABETIZAÇÃO! LOURENÇO FILHO E O
ENSINO DA LEITURA E ESCRITA**

**ORDER, PROGRESS AND LITERACY! LOURENÇO FILHO AND THE
READING AND WRITING TEACHING**

**¡ORDEN, PROGRESO Y ALFABETIZACIÓN! LOURENÇO FILHO Y
LA ENSEÑANZA DE LA LECTURA Y ESCRITURA**

Bruno Marini Bruneri¹

Ana Lucia Espíndola²

RESUMO: O presente ensaio pretende resgatar na trajetória histórica da alfabetização brasileira o pensamento e as contribuições do professor escolanovista Lourenço Filho, buscando compreender de que forma o pensamento desse autor ainda marca de forma bastante contundente algumas concepções de alfabetização vigentes. O motivo da escolha por estudar e discutir Lourenço Filho se deu por suas imensas contribuições nas pesquisas acerca da psicologia escolar, dos estudos sobre o ensino da leitura e da escrita e por ter sido um grande promotor da educação popular brasileira. Contudo, para organização deste texto, nos limitamos as suas obras de maior destaque e influência na educação de base no Brasil; sendo elas um ensaio e duas cartilhas, que emblemáticas e representativas do pensamento do autor acerca do ensino da leitura e escrita, predominaram por mais de meio século no cenário educacional do país.

PALAVRAS-CHAVE: História da Alfabetização. Escola Nova. Lourenço Filho.

ABSTRACT: This essay aims to recover the thoughts and contributions of Professor at the New School Lourenço Filho in the historical trajectory of literacy in Brazil, trying to understand how the author thought it still marks quite convincing some current conceptions of literacy. The reason for choosing to study and discuss Lourenço Filho took for his immense contribution in research on school psychology, studies on the teaching of reading and writing and for being a great promoter of Brazilian popular education. However, for this text, we will limit his most important work and a great influence on basic education in Brazil. These works will be an essay and two booklets, which are emblematic and representative of the author's thinking about the teaching of reading and writing. The choice for them occurred because these productions predominated for more than half a century in the educational scenario of the country.

¹ Especialista em Língua Portuguesa; Professor Substituto da UFMS/Campus do Pantanal e aluno do Mestrado em Educação – Educação Social da mesma instituição. E-mail: marinib@gmail.com

² Doutora em Educação; Professora do Curso de Pedagogia da UFMS/Campus Três Lagoas e no Programa de Pós-graduação em Educação – Educação Social da UFMS/Campus do Pantanal. E-mail: anaespindola@uol.com.br

KEYWORDS: History of Literacy. New School. Lourenço Filho.

RESUMEN: Este ensayo tiene como objetivo recuperar los pensamientos y las contribuciones del profesor de la New School Lourenço Filho en la trayectoria histórica de la alfabetización de Brasil, tratando de comprender cómo el autor pensó que todavía marca bastante convincente algunas concepciones actuales de la alfabetización. La razón para elegir para estudiar y discutir Lourenço Filho tomó por su inmensa contribución en la investigación sobre la psicología de la escuela, los estudios sobre la enseñanza de la lectura y la escritura y por ser un gran promotor de la educación popular brasileña. Sin embargo, para este texto, nos limitaremos a su obra más destacada y una gran influencia en la educación básica en Brasil. Estas obras serán un ensayo y dos folletos, que son emblemáticos y representativos del pensamiento del autor acerca de la enseñanza de la lectura y la escritura. La opción para ellos se produjo debido a que estas producciones predominaron durante más de medio siglo en el escenario educativo del país.

PALABRAS CLAVE: Historia de la Alfabetización. Escola Nova. Lourenço Filho.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a urgência em ensinar a ler e escrever não é exclusividade do objetivo político e social da atualidade. É visível a ampliação das questões que buscam enfrentar essa urgência nas últimas décadas e trabalhos que tenham como foco a história da alfabetização no Brasil, ou em outros termos a história da educação, são cada vez mais necessários na tentativa de encontrarmos subsídios para defrontar essa urgência, ou de pelo menos entendê-la. Neste sentido, Nóvoa (1999, p. 13) compreende os estudos sobre a História da Educação como algo que “amplia a memória e a experiência, o leque de escolhas e de possibilidades pedagógicas, o que permite um alargamento do repertório dos educadores e lhes fornece uma visão da extrema diversidade das instituições escolares do passado”.

Nessa perspectiva, por meio da reflexão dos acontecimentos históricos, surgem possibilidades de mudanças das práticas, de políticas, de comportamentos, de criação de diferentes ideias e ideais, enfim, abrem-se inúmeras probabilidades para o novo no presente – momento em que uma outra história se escreve. Ao mesmo tempo é possível identificar práticas que surgem com vestes de modernidade, mas que, analisadas a fundo, trata-se de antigas práticas apresentadas como grandes novidades.

Assim, para contribuir com a discussão atual sobre alfabetização e refletir sobre as práticas do ensino das primeiras letras, e para melhor compreensão de um passado recente, pretendemos, neste ensaio teórico, resgatar o pensamento e as contribuições do professor escolanovista Lourenço Filho na trajetória histórica da alfabetização brasileira para buscar compreender de que forma o pensamento desse autor ainda marca algumas concepções de alfabetização vigentes.

O motivo da escolha de estudar e discutir Lourenço Filho recaiu no fato deste autor ter oferecido imensas contribuições nas pesquisas da Psicologia Escolar, dos estudos sobre o ensino da leitura e da escrita e por ter sido grande promotor da educação popular brasileira.

Para tanto, ao compor o nosso trabalho, utilizamos como base os estudos de pesquisadores como Bertoletti (2006), Mortatti (2006), Paiva (1987), Saviani (2011) que direcionaram suas pesquisas para preencher algumas lacunas latentes na História da Educação de nosso país.

Sendo assim, começamos por traçar um panorama histórico-social do momento em que se insere o autor em discussão para apresentar os aspectos mais importantes de sua biografia, tais como as influências de formação, a escalada profissional e o início de suas pesquisas. Também serão apresentadas as principais produções intelectuais que revolucionaram o cenário educacional no início do século passado, para responder a questão teórica proposta. Por fim, apontaremos algumas reflexões sobre a História da Educação, mais propriamente, do histórico da alfabetização no Brasil.

POR UMA NOVA ESCOLA: O SURGIMENTO DO MOVIMENTO ESCOLA NOVA

No período de transição do século XIX para o século XX, o Brasil foi cenário de abruptas mudanças em suas estruturas social e econômica. O crescimento urbano-industrial e a condição conturbada e fragmentada da República exigiam novas estruturas que, em busca da ordem (regularidade necessária) e do progresso (desenvolvimento técnico, científico e econômico), colocasse o país nos trilhos da modernidade (BERTOLETTI, 2006).

Para que o Brasil alcançasse os objetivos determinados pela nova ordem econômica se fez necessária uma reorganização governamental e, dentro desse processo, a organização do sistema educacional vigente para atender a esse propósito. Para Paiva (1987, p. 19) “Toda educação provém de uma situação social determinada e as metas educacionais, a política da educação e a orientação do ensino mostram de forma clara o seu caráter histórico”.

Dessa forma, surge no cenário nacional um movimento com vistas à renovação cultural e educacional, formado por um grupo de intelectuais da época, especialmente a partir da década de 1920, respaldado pela expansão qualitativa e quantitativa do mercado editorial, pelas diferentes reformas de ensino, pela profissionalização dos educadores e pelas Conferências Nacionais de Educação, todos envolvidos no mesmo ideário de construção social, regeneração social e moral da República (MORTATTI, 2000).

A busca por uma alteração no sistema educacional de uma época, através da formação de movimentos que preconizam a qualidade e o acesso da educação a todos, é melhor compreendida a partir das palavras de Paiva (1987, p. 19),

[...] a forma como o movimento da sociedade se reflete na educação pode ser observada mais claramente sempre que se inicia um período de transformações e o sistema educacional existente (ou em formação) já não atende às novas necessidades criadas, necessitando ou de ampliação urgente ou de movimentos paralelos que preencham as lacunas deixadas pela organização do ensino vigente.

Entretanto, foi em 1932, por meio da redação do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, escrita e primeiramente assinada por Fernando de Azevedo e apoiada por 26 intelectuais signatários da época, dentre eles Lourenço Filho, que se tem o marco do movimento¹ (SAVIANI, 2011).

O movimento de reformas basicamente propunha o rompimento com o passado, com a escola tradicional que, antiquada, excludente e fundamentalmente marcada pelo ensino realizado pela memorização e pela tortura, dificultava a recomposição do tecido social decadente. Ao traduzir o pensamento escolanovista, Bertoletti (2006, p. 48), afirma que:

Para essa recomposição, elegeu-se a educação como elemento propulsor, capaz de “reconstruir” o país e lançá-lo de vez para a modernidade, tornando-se necessária uma escola não nos moldes que se vinha construindo, mas uma “escola nova” (grifos da autora).

Dentro desse grupo que acreditava na recomposição do país através de um projeto modernizador da educação, Lourenço Filho exerceu lugar de destaque, segundo Saviani (2011, p. 205):

A par da administração de instituições, da pesquisa e da docência em psicologia e suas aplicações educativas e de grande número de publicações especializadas, Lourenço Filho dedicou atenção especial à escola elementar, envolvendo-se diretamente na produção e publicação de textos didáticos, seja como consultor editorial, seja redigindo, ele próprio, cartilhas e livros para uso nas escolas.

Como visto, Lourenço Filho foi autor de uma extensa obra sobre educação, em especial sobre a psicologia e a educação do povo, contando com mais de duas centenas de textos (MORTATTI, 2000).

Entretanto, conforme anunciado nos limites deste texto, nos deteremos na discussão das suas obras de maior destaque e influência na educação de base no Brasil, sendo elas, um ensaio: ‘Testes ABC: para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita’ (LOURENÇO FILHO, 2008), e duas cartilhas: ‘Cartilha do povo – para

ensinar a ler rapidamente’ (LOURENÇO FILHO, 1953) e, a cartilha ‘Upa, Cavalinho!’ (LOURENÇO FILHO, 1958) que, emblemáticas e representativas do pensamento do autor sobre o ensino da leitura e escrita, predominaram por mais de meio século no cenário educacional do país.

O PIONEIRO E A BUSCA POR UMA BASE PSICOLÓGICA DA EDUCAÇÃO

Paulista de Porto Ferreira, Manuel Bergström Lourenço Filho nasceu no dia 10 de março de 1897. Sua formação pessoal foi influenciada pelas atividades comerciais de bens culturais que seu pai desenvolvia – vendia livros, materiais para fotografia, além de possuir uma tipografia e um cinema. Em 1914, formou-se professor na Escola Normal de Pirassununga, posteriormente, no ano de 1916, em busca de ampliação dos estudos pedagógicos, na cidade de São Paulo, diplomou-se pela Escola Normal Secundária da Praça da República e bacharel na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1929 (SILVA; SCHELBAUER, 2007).

As atividades intensas de estudos lhe renderam uma cadeira de professor na Escola Normal de Piracicaba, em 1921, onde lecionou Pedagogia e Psicologia. Nos dois anos seguintes, encabeçou a reforma da instrução pública no Ceará e lecionou na Escola Normal de Fortaleza. Em 1924, de volta ao estado de São Paulo, reassume sua Cadeira na Escola Normal de Piracicaba, e no outro ano passou à Escola Normal Caetano de Campos, na capital do estado, onde lecionou até o ano de 1930 (SAVIANI, 2011).

Durante os estudos na Escola Normal Secundária da Praça, Lourenço Filho teve contato com as ideias – efervescentes na época – dos professores Oscar Thompson, Clemente Quaglio e Ugo Pizzoli. Essa tríade de professores defendia e difundia, sob forte influência no pensamento educacional da época, a utilização de ideias e métodos da ciência e sua conversão em princípios para composição do sistema de ensino, principalmente com o emprego da Psicologia e da Antropologia Pedagógica em busca do sucesso escolar, em especial, do ensino da leitura (SGANDERLA; CARVALHO, 2008).

Essa forte tendência da Psicologia em sua formação inicial incentivou o professor escolanovista a prosseguir os estudos de seus mentores concomitantemente a sua carreira docente. Lourenço Filho criou o Laboratório de Psicologia Experimental na Escola Normal de Fortaleza e reativou o laboratório Experimental da Escola Normal de Piracicaba. Buscou, no entanto, romper com as ideias da psicofísicaⁱⁱ praticadas por seus professores, por exigir uma aparelhagem complexa para medir a capacidade intelectual do sujeito, além de ser

contrário ao método analítico de mensuração, por este fragmentar a vida psíquica do sujeito ao invés de analisar de maneira global as suas capacidades.

Dessa maneira, Lourenço Filho, a fim de superar essas práticas, e com o propósito de superação do fracasso da aprendizagem da leitura e escrita indicado pelas altas taxas de repetência na época, procurou elaborar formas de mensuração do valor individual por vias mais rápidas e em ambientes mais simples, como a escola, almejando a economia, a eficiência e rendimento do sistema escolar através da classificação dos escolares por meio de testes derivados da psicotécnica (SILVA; SCHELBAUER, 2007).

Assim, suas intensas pesquisas demonstraram a existência de pré-requisitos para o aprendizado eficiente da leitura e escrita, que não dependem apenas do Quociente de Inteligência (QI) ou interesse, como supunham seus contemporâneos, mas também de fatores de diferenças individuais, como a maturidade. Nas palavras de Mortatti (2000, p. 147):

[...] Lourenço Filho apresenta a hipótese, confirmada pelas pesquisas experimentais que realizou com alunos de 1º grau, da existência de um nível de maturidade – passível de medida – como requisito para a aprendizagem da leitura e escrita. Com suas pesquisas, aponta, ainda a insuficiência dos resultados a que chegaram pesquisadores sobretudo norte-americanos e europeus, que, nesse momento, preocupam-se com o problema, mas estudando-o apenas do ponto de vista da idade cronológica, escolar ou mental.

Tais descobertas tomaram grandes proporções, elevando o professor ao rol dos mais importantes nomes da Psicologia da Educação que se consolidava no início do século passado. Assim, ressalva Saviani (2011, p. 205):

No campo específico da educação escolar, seus trabalhos de psicotécnica pedagógica voltaram-se para as questões relativas à avaliação, medidas e testes de aptidão, tendo culminado na elaboração dos famosos “Testes ABC”, publicados com o título *Testes ABC: para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita*, cuja 1ª edição é de 1933 e a última (12ª), de 1974 (grifos do autor).

Os Testes ABC basicamente classificavam o nível de maturidade de cada criança exigido para o ensino da leitura e escrita. A partir dos resultados da aferição da maturidade era possível a homogeneização das turmas, preconizando a economia na educação e sua eficácia, na tentativa de melhoria do ensino público e a diminuição dos altos índices de analfabetismo no país (SILVA; SCHELBAUER, 2007).

No mais, os testes não serviram apenas como instrumento mensurador e homogeneizador para a época, eles repercutiram o mundo todo, elevando alfabetização como categoria de investigação científica por meio da Psicologia; segundo Silva e Schelbauer (2007, p. 127),

[...] são constantemente referenciados como a primeira pesquisa sistematizada produzida por um brasileiro, tendo uma repercussão internacional, em que se ressalta como inovação para a época, o rigor característico do trabalho de investigação científica de um determinado fenômeno no âmbito da educação [...].

Dada a proporção tomada pelos Testes ABC, faz-se necessário uma breve explanação na organização e funcionamento destes para a compreensão do pensamento do autor em questão e do conhecimento de suas obras didáticas publicadas em seguida à aplicação dos testes direcionados ao ensino das primeiras letras e ao incentivo à leitura.

PSICOTÉCNICA PEDAGÓGICA: PARA A VERIFICAÇÃO DA MATURIDADE NECESSÁRIA À APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA

Os ‘Testes ABC’ expressavam a nova mentalidade educacional que apregoada o movimento renovador. Partindo da necessidade de tudo medir cientificamente, forte corrente no cenário das pesquisas científicas no início do século XX, os ‘Testes ABC’ foram tendenciosamente influenciados em sua elaboração pelos mundialmente conhecidos testes de psicometria realizados pelo francês Alfred Binet (SILVA; SCHELBAUER, 2007).

Diferentemente dos testes que eram empregados por outros estudiosos da época, que eram complexos, exigiam um ambiente especializado e um profissional qualificado para aplicar o exame, os ‘Testes ABC’ eram de baixo custo, simples, rápido e de fácil aplicação. Dessa forma, pelo caráter simples e econômico, seria possível a sua aplicação por qualquer professor, em qualquer condição física da escola e em larga escala, obtendo-se rapidamente o resultado da mensuração.

O material consistia em oito testes que, em apenas alguns minutos, efetivava-se a sua aplicação. A intenção era medir: coordenação visivo-motora, memória imediata, memória motora, memória auditiva, memória lógica, prolação, coordenação motora e o mínimo de atenção e fatigabilidade. A partir desses resultados seria possível um prognóstico com vistas à classificação dos alunos em agrupamentos gerais, para o pesquisador:

Desde que obtido, nos termos numéricos que as provas permitem, será então possível classificar os alunos em três grupos gerais, quanto ao que deles se possa esperar: os que, nas condições comuns do ensino possam rapidamente aprender, ou seja, num só semestre letivo; os que normalmente venham a aprender no decurso de todo o ano; e, enfim, as crianças menos amadurecidas, que só lograrão a aquisição da leitura e da escrita, nesse prazo, quando lhes dedicarmos atenção especial, em exercícios preparatórios, adequadas condições de motivação ou, mesmo, certo trabalho corretivo. O diagnóstico permitirá, pois, um prognóstico, quer dizer, a

previsão dos resultados do trabalho escolar. Isso ensejará nas escolas isoladas a organização de seções pelo nível de maturidade conhecida; e, nas escolas graduadas, a organização de classes seletivas, praticamente homogêneas (LOURENÇO FILHO, 2008, p. 15).

Como visto, os objetivos de Lourenço Filho eram bem claros: a aferição da maturidade para aprender a ler e a escrever. A partir dos resultados estatisticamente tabulados se daria a criação de classes homogêneas. Dessa forma, na crença do autor, o teste facilitaria o trabalho do professor, proporcionando economia em seu tempo, além de avaliação mais justa do esforço individual do aluno, na tentativa de fazer com que as crianças pudessem ler e escrever mais rápido.

A três pontos fundamentais respondem portanto os Testes ABC: ao diagnóstico das condições de maturidade para aprender; ao prognóstico do comportamento das crianças nas situações sucessivas do ensino; e à necessidade de maior estudo de certos alunos, geralmente tidos como de comportamento difícil, ou “crianças-problema” (LOURENÇO FILHO, 2008, p. 16, grifos do autor).

Assim sendo, fica evidente o valor prognóstico dos testes, pois, no pensamento de Lourenço Filho, o fracasso inicial da aprendizagem das primeiras letras se dava por sua imaturidade, as palavras que se seguem confirmam a assertiva:

Algumas, não menos dotadas intelectualmente, mas imaturas para a leitura e a escrita, caem numa classe em que, como sempre acontece, outros se apresentam capazes de aprendizagem rápida. Por mais cuidado que o mestre possa ter, criam-se desde cedo para com o estudo, nessas pobres crianças, atitudes prejudiciais ao seu progresso escolar. Recrudesce o sentimento de inferioridade, ou criam-se complexos emotivos mais ou menos graves (LOURENÇO FILHO, 2008, p. 83).

Com caráter popular, os testes logo se difundiram concomitantemente com as ideias de homogeneização das salas, atribuindo ao aluno competências individuais para o aprendizado, gerando um novo posicionamento frente ao ensino de ler e escrever, que, neste momento, era disputado por ideias centralizadas nos métodos – de marcha sintética ou analítica – e não nos alunos.

Desse ponto de vista, a importância do método de alfabetização passou a ser relativizada, secundarizada e considerada tradicional. Observa-se, no entanto, embora com outras bases teóricas, a permanência da função instrumental do ensino e aprendizagem da leitura, enfatizando-se a simultaneidade do ensino de ambas, as quais eram entendidas como habilidades visuais, auditivas e motoras (MORTATTI, 2006, p. 09).

Como visto, ao passo que as ideias de Lourenço Filho adentravam aos espaços escolares,

Vai-se, assim, constituindo um ecletismo processual e conceitual em alfabetização, de acordo com o qual a alfabetização (aprendizado da leitura e escrita) envolve obrigatoriamente uma questão de “medida”, e o método de ensino se subordina ao nível de maturidade das crianças em classes homogêneas. A escrita continuou sendo entendida como uma questão de habilidade caligráfica e ortográfica, que devia ser ensinada simultaneamente à habilidade de leitura; o aprendizado de ambas demandava um “período preparatório”, que consistia em exercícios de discriminação e coordenação viso-motora e auditivo-motora, posição de corpo e membros, dentre outros (MORTATTI, 2006, p. 09).

Além do mais, para Mortatti (2000), esse período de forte permanência do pensamento de Lourenço Filho, por meio do uso dos Testes ABC, foi denominado como “a alfabetização sob medida” (p.141), pois o resultado de como ensinar estava condicionado à maturidade da criança e as questões de ordem didática ficariam, portanto, submissas às questões de ordem psicológica.

Torna-se evidente, através do exposto, a preocupação de Lourenço Filho em estudar a criança a fim de adaptá-la ao modelo de escola que se estava propondo na época. A preocupação com as individualidades dos escolares sempre ficou nítida em suas publicações e, atrelada ao sucesso de suas pesquisas e à preocupação da escolarização do povo, o autor propõe uma nova postura através da seleção dos níveis de maturidade, preconizando a economia de tempo e energia dos mestres, bem como o aumento da produtividade escolar.

Do mais, após o sucesso dos resultados dos testes, o professor escolanovista, ainda preocupado com a escolarização do povo, no tocante com a formação de uma mentalidade nacionalista, moralizante e desenvolvimentista, por via do ensino das primeiras letras, não poderia deixar incompleto o plano de erradicar o analfabetismo, sendo assim, escreveu a ‘Cartilha do Povo’ – para ensinar a ler rapidamente, obra destinada a crianças e adultos que trataremos com mais detalhes a seguir.

A ALFABETIZAÇÃO DO POVO

Antes de tudo, cabe elucidar que, escrita seis anos antes da publicação dos ‘Testes ABC’, a ‘Cartilha do povo – para ensinar a ler rapidamente’ foi gerada “concomitantemente ao desenvolvimento das pesquisas experimentais sobre o nível de maturidade para o aprendizado da leitura e escrita” (BERTOLETTI, 2006, p. 65).

Nessa cartilha foi inscrita a nova mentalidade educacional que o movimento renovador escolanovista propunha, ou seja, o rompimento com as antigas práticas escolares tradicionais, baseadas em memorizações e castigo, residentes nas escolas mal equipadas e insuficientes para o povo. Em contrapartida, suas lições foram insurgentes ao tradicionalismo

pedagógico, nessa nova concepção “almeja-se para a escola uma função socializadora capaz de proporcionar ao aprendiz conhecimentos que ultrapassem o mero aprendizado das primeiras letras, educando-o para a vida” (BERTOLETTI, 2006, p. 55).

Nessa direção, na formatação didática da ‘Cartilha do povo’, Lourenço Filho preocupou-se em propor um material a ser utilizado como um instrumento auxiliar do trabalho docente, simples, porém eficaz, com a finalidade de integração nacional por meio da maior ampliação da educação popular possível, seja para crianças ou adultos, oferecendo subsídios de apoio ao alfabetizador, leigo ou professor formado. Dessa maneira, não seguiu uma orientação metodológica ‘pura’: a cartilha foi pensada para ser utilizada tanto na abordagem sintética como na analítica e, caso seja privilegiado essa última, ressalva o autor, deve-se iniciar os trabalhos a partir da 4ª lição (LOURENÇO FILHO, 1953).

Em seus intensos estudos sobre a história da alfabetização brasileira Mortatti (2000, p. 173) nos elucida melhor a formatação didática e o *layout* da obra:

Contendo 40 lições, distribuídas ao longo de apenas 48 páginas, com formato variando, nas diferentes edições, entre 19 e 21 cm, ilustrações coloridas, uso de letra de imprensa em diferentes tipos e apenas dois casos de uso de letra manuscrita vertical, e, nas edições posteriores à década de 1960, aproximadamente acompanhada de um mapa do Brasil, a *Cartilha* se inicia com a combinação de ditongos. A partir da 3ª lição, passam a ser introduzidas as consoantes, não em ordem alfabética, mas de acordo com uma “coordenação que tornasse possível o maior número de combinações representativas de palavras do vocabulário natural das crianças: *b, l, n, t, c*, etc. (grifos do autor).

Isso posto, vale ressaltar as grandes dimensões tomadas pela cartilha, dada quase sete décadas de impressão, que ao longo de suas edições, datada inicialmente em 1928, com tiragem inicial de 1.080.000 exemplares – número jamais alcançado por qualquer obra produzida no Brasil até aquele momento – atingiu até o ano de 1986 um montante de 2.201 edições. A cartilha foi impressa pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, empresa editorial de grande renome, prestígio e investidora no comércio de livros didáticos, recreativos e teóricos sobre a educação. Para Bertolletti (2006, p. 46)

Esse caráter de permanência direta ou indireta da *Cartilha do povo* pode ser interpretado como índice da permanência dos fundamentos teóricos nela contidos, por vezes, ampliado e atualizado ao longo da extensa carreira profissional de Lourenço Filho.

Em suma, a ‘*Cartilha do povo – para ensinar a ler rapidamente*’ foi um grande veículo dos ideais escolanovistas e instrumento representativo do pensamento do autor, pois continha os princípios de nacionalização e os fundamentos didáticos necessários relativos à alfabetização para a homogeneização das salas, contra os altos índices de fracasso

escolar provenientes, dentre outros fatores, da heterogeneidade das salas de ensino das primeiras letras.

Cabe ressaltar que o emblema escolanovista era o combate ao analfabetismo, pois esse seria um dos principais obstáculos de acesso brasileiro ao mundo moderno, visto que o país do novo século necessitava de cidadãos politizados, instruídos e capazes de acompanhar as transformações da vida urbana. Sendo assim, a criação de uma cartilha de simples manuseio, de baixo custo e que atendesse tanto crianças quanto adultos, seria capaz de concretizar os objetivos dos ideais renovadores.

FORMAÇÃO DE LEITORES: SÉRIE DE LEITURA GRADUADA E A CARTILHA UPA, CAVALINHO!

Já à época de sua aposentadoria, carregando uma ampla experiência em sua carreira, após 30 anos da publicação da ‘Cartilha do Povo’, Lourenço Filho encerra sua produção didática na ‘Série Leitura Graduada Pedrinho’ com a publicação do último título da série a cartilha ‘Upa, Cavalinho!’ (MORTATTI, 2000).

A ‘Série Leitura Graduada Pedrinho’ marcou uma nova fase na história do livro de leitura no Brasil, desde seu lançamento, provocou elogios sendo aclamada como “esforço de renovação”, tais elogios “como não poderia deixar de ser, estão relacionados à influência e prestígio de especialista de que goza o autor, sobretudo pelo já apontado aspecto catalizador de seu pensamento” (MORTATTI, 2000, p. 175).

A referida série de leitura era composta por quatro livros de leitura e uma cartilha, cujo personagem principal era Pedrinho que contava como coadjuvantes seus irmãos Maria Clara, Zezinho e o cachorrinho Veludo. A impressão do 1º livro ‘Pedrinho’ se deu em 1953, sequencialmente nos próximos anos foram publicados os títulos: ‘Pedrinho e seus amigos; Aventuras de Pedrinho’; ‘Leituras de Pedrinho e Maria Clara’; ‘Pedrinho e o mundo’ e, por fim, a cartilha ‘Upa, Cavalinho!’.

Com propósito civilizador e moralizante, as histórias, que envolviam a personagem e sua turma objetivavam a formação do leitor obediente, estudioso, leal e cuidadoso, com vistas à formação do cidadão industrial, empreendedor e cosmopolita, características que assinalavam o ideal renovador (CUNHA; FERNANDES, 2008).

No entanto, curiosamente a cartilha ‘Upa, Cavalinho!’ consta como o último volume da série, tendo sua 1ª edição, publicada em janeiro de 1957, obtendo a tiragem de 1.000.000 de exemplares. Nesta direção, Bertolletti (2006, p. 73) aponta que

É bastante curioso o fato de a cartilha encerrar e não iniciar essa Série de Leitura, uma vez que, parece licito supor que, para o autor, é necessário primeiro aprender a ler – finalidade da cartilha – para depois ler – finalidade dos outros livros da Série. Isso poderia ser considerado uma certa hesitação por parte de Lourenço Filho em escrever nova cartilha, talvez por Cartilha do povo continuar atual e intensamente utilizada, à época do lançamento dessa outra cartilha. Estando, no entanto, prontos os quatro livros da Série, parece ter sido necessária uma “introdução”, uma vez que seu primeiro livro, Pedrinho (1953), parece ter sido utilizado nas escolas como instrumento de aprendizado da leitura inicial.

Diferentemente, da ‘Cartilha do povo’, esta nova obra didática conta com um amplo manual do professor, contendo as orientações de trabalho com a cartilha, além de uma síntese de sua teoria, remetendo em nota de rodapé aos ‘Testes ABC’ para embasar a sua explanação. Sobre o seu conteúdo, expõe Mortatti (2000, p. 177)

[...] o autor expõe o plano da cartilha, que se desenvolve em cinco fases: de sentenças e palavras - oito primeiras lições -; de discriminação das sílabas com as consoantes dadas - oito lições seguintes -; de discriminação e recomposição imediata, em palavras já conhecidas e em novas - seis lições seguintes -; das consoantes ainda não estudadas; e de ensaio da leitura corrente - 16 lições finais da cartilha.

Assim sendo, a cartilha, estruturada em 51 lições, não numeradas, que vão da página três a página 61, é apresentada por meio de uma sequência acumulativa de fatos e personagens, ou seja, uma lição dá sequência à outra, progressivamente apresentando novos assuntos que explicam ou completam os da lição anterior (BERTOLETTI, 2006).

De 1957 até 1970 – data da sua última publicação – a cartilha ‘Upa, cavalinho!’ sintetizou um rigoroso projeto de alfabetização inteiramente voltado para o público infantil, igualmente construída por uma base teórica apoiada Psicologia, como em a ‘Cartilha do povo’, porém as questões de ensino apoiados em instrumentos de alfabetização mais infantilizadas e do papel do professor como um incentivador no processo de aprendizagem, ficaram mais definidos nesta última obra.

Sem sombra de dúvida, as contribuições que Lourenço Filho deixou desde o início da divulgação de seu trabalho na década de 1930 sobre o ensino da leitura e escrita, que também podem ser percebidas em outras obras publicadas nos anos de sua atuação (BERTOLETTI, 2006).

Além do mais, ainda hoje, é perceptível as semelhanças nos princípios e estruturação de cartilhas que ainda estão sendo publicadas e utilizadas nos meios escolares, quando não, seu discurso sobre requisitos necessários para o início do ensino das primeiras letras – a maturidade necessária para aprender a ler e escrever – estão na voz de muitos

professores de nossas escolas, a fim de justificar o mau desempenho de práticas alfabetizadoras mal sucedidas.

Alguns métodos para alfabetização que tentam se apresentar para o grande público como ‘novos’ e ‘modernos’ estão, na verdade, em perfeita sintonia com as propostas feitas por Lourenço Filho ainda no início do século XX. O problema é que naquele momento não tínhamos o grande número de informações que temos hoje sobre como se dá o processo de construção da língua escrita.

CONSIDERAÇÕES

O principal objetivo deste texto foi de trazer à tona as contribuições do professor escolanovista Lourenço Filho, acerca de suas preocupações sobre o ensino da leitura e da escrita, através de um resgate da História da Educação, mais precisamente, um recorte na história da alfabetização brasileira, para que pudéssemos refletir a partir desses dados a atual conjuntura do ensino do ler escrever em nossa contemporaneidade, buscando compreender de que forma o pensamento desse autor ainda marca de forma bastante contundente algumas concepções de alfabetização vigentes.

Para tanto, traçamos um panorama sucinto, porém consistente, do contexto do autor para melhor compreender a intencionalidade de suas pesquisas e da composição de suas obras.

Dessa maneira, apontamos as bases teóricas de sua formação enquanto professor que, pautadas na Psicologia Experimental, influenciou todo seu trabalho e produção intelectual, obtendo como resultado os famosos testes de maturidade denominados ‘Testes ABC’: para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita, que influenciaram a elaboração da ‘Cartilha do povo’ – para ensinar a ler rapidamente e, por fim, teve sua última obra didática publicada a cartilha ‘Upa, Cavalinho!’ que, não muito diferente da ‘Cartilha do povo’, contou com uma elaboração mais primorosa e totalmente voltada para o ensino de crianças.

Pudemos perceber a preocupação do professor Lourenço na tentativa de consolidar um pensamento nacional republicano, com vistas à formação do cidadão culto, moderno e urbanizado.

Por fim, reiteramos que Lourenço Filho foi a pedra angular de consolidação das ideias pedagógicas no Brasil, fundamentalmente ideias da Escola Nova, e na consolidação

da Psicologia aplicada à Educação, além de introduzir um caráter científico na criação e investigação do trabalho com o ensino/aprendizagem das primeiras letras.

Notas

ⁱAs ideias do movimento de renovação da educação, denominado Escola Nova ou escolanovismo, chegaram no Brasil no final do século XIX e ganharam força no início do século XX. Fortemente influenciado pelo filósofo norte-americano John Dewey (1859-1952) e do filósofo francês Émile Durkheim (1858-1917), o escolanovismo propunha uma série de mudanças educacionais, tais como: ensino voltado para as necessidades do aluno, a ruptura dos tradicionais modelos de ensino, além da garantia de uma educação laica, gratuita e para todos (GHIRALDELLI JUNIOR, 2009).

ⁱⁱ Acreditava-se que através de aplicação de testes de memória, inteligência e análise antropométrica (peso, altura, circunferência abdominal, entre outros procedimentos) se reconheceria características extrínsecas e qualidades intrínsecas pela separação das partes constituintes de cada indivíduo e reordenação artificial, comparando o indivíduo com o todo (SGANDERLA; CARVALHO, 2008).

REFERÊNCIAS

BERTOLETTI, E. N. M. *Lourenço Filho e a alfabetização: um estudo de Cartilha do Povo e da cartilha Upa, Cavalinho!*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

CUNHA, M. T. S.; FERNANDES, M. N. Manuais escolares e civilidades: Série de leitura graduada Pedrinho (Décadas de 50 a 70 do século XX). *Cadernos de Pesquisa - Pensamento Educacional*, v. 3, p. 57-72, 2008.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. *História da educação brasileira*. São Paulo: Cortez, 2009.

LOURENÇO FILHO, M. B. *Upa, Cavalinho!*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

_____. *Cartilha do povo para ensinar a ler rapidamente*. 42. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1953.

_____. *Testes ABC: para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008.

MORTATTI, M. R. L. *Os sentidos da alfabetização*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *História dos métodos de alfabetização no Brasil*. Seminário Alfabetização e Letramento em Debate. Brasília, MEC/ SEB, 27/04/06. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf. Acesso em: 08 maio 2009.

NÓVOA, A. Prefácio. In: CAMBI, F. *História da Pedagogia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

PAIVA, V. P. *Educação popular e educação de adultos*. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

SAVIANI, D. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2011.

SGANDERLA, A. P.; CARVALHO, D. C. Lourenço Filho: um pioneiro da relação entre psicologia e educação no Brasil. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 26, p. 173-190, 1º sem. de 2008.

SILVA, G. B.; SCHELBAUER, A. R. Lourenço Filho e a alfabetização: os Testes ABC e a reforma do sistema educacional no estado do Ceará. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 25, p. 122-131, mar. 2007.

Recebido em setembro de 2014.

Aprovado em outubro de 2014.